



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
— RITA —
— — —

NINGUEM FAÇA MAL...

Por ISOLDINA MARQUES

PRIMEIRA MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO

NÃO sei se os meninos sabem ser hábito muito antigo, na véspera do dia de Reis, perguntar-se aos papalvos se vão esperar os Reis que, segundo a Tradição, chegavam, em grande cavalcada, com sua comitiva, às portas da cidade — quando as cidades eram muradas e fechadas por grandes portas que impediam a entrada e saída, de certa hora da noite em diante. Em Coimbra, e creio que em outras terras do País, havia o hábito, já um pouco caído em desuso, de andarem de um extremo ao outro da cidade, os graciosos, tocando chocalhos, businas, cornetas e todo e qualquer instrumento capaz de atordoar as cabeças dos mais pacíficos cidadãos. Além disto, transportavam escadas, bancos e até mesas, arrastando alguns pacóvios a engrossar o cortejo, do qual são os bôbos sem o saberem.

Havia na cidade um comerciante de mercearia e vinhos, estabelecido numa velha casa da baixa, que todos os anos, (era certo e sabido) tinha, por esta época, um marçano chegado havia pouco da «Parvónia». No ano em que se passa este episódio, tocou a vez ao Zésito da ti' Custódia, lá das bandas de Penacova. Nunca viera à cidade antes de ser trazido por sua mãe para a espelunca do sr. «Arnesto» como ele próprio dizia. O rapazinho, de feitiço bisonho, andava sempre triste, curtindo, lá consigo, as saudades da família e da liberdade perdida; e quando o sr. «Arnesto», para o incitar ao trabalho, o investia ásperamente, os olhos arrasavam-se de água, o que levava o furibundo patrão a ameaçar:

— «Deixa estar, meu «Brazabum» que eu te tirarei o pêlo!... Ou terei de te meter numa redoma com'os santos?!»

Chegou o dia. A Maria, creadita aldeã como êle, numa

(Continúa na página 8)



O MONTANHÊS

Por AGOSTINHO MOREIRA DE MATOS

PEDRO — o Montanhês — foi um destemido pastor, valente e generoso, que viveu, em tempos remotos, nas regiões ignoradas do Himalaia.

Os outros pastores que conheciam a sua bravura, tantas vezes mostrada nas mais arriscadas aventuras, resolveram proclamá-lo seu chefe e obedecer-lhe cegamente.

De vez em quando, descia à planície, a-fim-de vender o seu gado a um rico monarca que lhe dava, em troca, armas de guerra, roupas e outros gêneros indispensáveis.

O rei admirava a figura altiva de Pedro, montado em vigoroso corcel, mas desconhecia o país que o misterioso cavaleiro habitava.

Este monarca, senhor de vastos domínios, outrora florescentes, era muito generoso, todavia indolente. Tinha uma filha linda como o Sol, chamada: — Bela-Flôr.

O povo idolatrava-a, porque as suas pequeninas mãos estavam sempre prontas para o acarinhar e socorrer.

Certa linda manhã de primavera, a princesa Bela-Flôr, que gostava muito de caçar, subia com a sua vistosa comitiva uma enorme montanha coberta de neve.

A princezinha, porque sabia arremessar a seta com extraordinária precisão e porque confiava, também, na sua coragem, abandonou, certo dia, os pagens e internou-se no emaranhado da floresta.

Foi, pouco depois, atacada por um tigre faminto, que a teria devorado se um milagroso auxílio não viesse modificar tão crítica situação.

Quem o prestara?!...

Um homem de linhas vigorosas que, empunhando uma terrível lança, se atirou, corajosamente, contra a fera, conseguindo, a golpes impiedosos e certos, abater o sangüinário felino.

— «Como te chamas?» — perguntou-lhe a princesa.

— «Pedro, o Montanhês!» — respondeu o herói.

Mostrou-se a princezinha muito reconhecida e, para lhe provar a sua gratidão, ofereceu-lhe um precioso anel.

A radiante formosura de Bela-Flôr, impressionou o bravo montanhês, cuja bravura tocara o coração da princesa.

.....
Um dia, acabava o rei de tomar a sua



habitual refeição da tarde, quando foi surpreendido pela entrada brusca dum dos seus servidores, que vinha comunicar-lhe o avanço dum poderoso exército inimigo.

Então, o rei, sabendo que o cerco à cidade constituiria a sua queda inevitável, resolveu ir atacar o invasor, supondo que assim teria mais probabilidades de êxito.

Avançou à frente dum exército mal organizado, e a batalha travou-se feroz, implacável. Enquanto a luta continuava, já com vantagem para o inimigo, alguém, cavalcando a galope, voava em direcção à montanha, a-fim-de rogar auxílio ao destemido Pedro. Era Bela-Flôr.

Os invasores preparavam-se para dar a carga decisiva, quando ao longe se ouviu o tropel de muitos cavalos, que levantavam nuvens de poeira. Os dois exércitos, face a face, hesitaram.

Nisto, porém, surge, qual furacão devastador, uma turba de cavaleiros audazes empunhando compridas lanças.

O combate foi terrível. O chefe dêste ousado bando de combatentes, era Pedro — Pedro, o Montanhês — que fazia prodígios de bravura.

A sua enorme lança semeava a morte e o terror nas hostes inimigas enquanto os valentes pastores atacavam com tal fúria que os invasores, tomados de pânico, fugiam desordenadamente.

A vitória fôra completa e formidável!

Aclamado pelo povo, Pedro foi levado à presença do rei, que lhe agradeceu tão oportuno e poderoso auxílio, trêmulo de emoção e de reconhecimento.

— «Como poderei pagar o teu serviço se nada tenho

(Continua na página 6)



CRIANÇAS

Por CARLOS F. CARVALHO

A QUELE jardimzinho pitoresco,
Arejado e fresco,
Mimoso, florido,
De formosos canteiros guarnecido,

Para onde, às noites, vai a petizada,
Despreocupada,
Brincar e correr,
Alegre, viva, cheia de prazer,

Parece ser, do céu, um dos recantos,
Tais os seus encantos,
O suave olôr,
Das suas lindas árvores em flôr.

Porém, o que lhe traz mais sedução,
Sem dúvida são
Aqueles petizes
Que ali brincam contentes e felizes.

Um grupo de crianças, todo em rendas,
Vai jogar às prendas,
Sentenças chistosas,
São dadas por boquitas graciosas.

Um outro vai jogar às escondidas,
Em grandes corridas,
Faz roda terceiro,
As mãos dando e cantando num berreiro.

Uns entretêm-se aos jogos do costume,
Como o «dá-me um lume»;
Outros, gravemente,
Passeiam, dando-se ares, já, de gente.



A saltar, a correr, não param mais,
Parecem pardais;
E o seu lindo riso
Música faz lembrar do Paraíso.

Adoro loucamente as criancinhas,
Cândidas alminhas
Nimbadas de luz,
Da doce claridade que seduz.

Almas singelas, almas de pureza,
Cheias de beleza
E de ingenuidade,
Símbolos da inocência e da bondade;

Corações transparentes de cristal.
Se procedem mal
Faltou-lhes o carinho,
Ou quem lhes indicasse o bom caminho.

As crianças são anjos do Senhor,
Enchei-as de amor,
De mimo e ternura.
Procurai dar-lhes a maior ventura!

OS BICHOS da QUINTA

Por MARIA ISABEL CORREIA — 3.^a MENSÃO HONROSA DO CONCURSO

HAVIA, dantes, na minha
infância, em nossa casa,
um gato e dois cães.
— O Piloto, o Ardil e
o Farrusco.
O Piloto, dizia o tio
Joaquim, desinçava de
ratos a velha moradia e,
porisso, e porque saltava todo lam-
peiro para os joelhos do dono, assim
que o apanhava sentado, era o mi-
moso das festas e dos petiscos que
êle lhe dava. Fazia boa camarada-
gem com o Ardil, o grande cão de
guarda, mansarrão de dia, feroz de
noite, se alguém se atrevia a tentar
saltar os muros da quinta.



Na varanda, mal o Piloto o apa-
nhava deitado, amodorrado ao sol,
amesendava-se-lhe na barriga, enove-
lado como um grande velo de seda
lustrosa, e faziam assim longas sone-
cas, com grande admiração de quem
os via, pois é sabida a proverbial
guerra entre o cão e o gato, provér-
bio que êles desmentiam.

Com o Farrusco é que o Piloto
andava em constante desordem e raro
era o dia em que não davam bata-
lha.

O Farrusco mal bispava a gato de-
baixo da mesa da cozinha, ladrava,

(Continúa na página 6)



MI - LU

Por EUGÉNIO MADEIRA

2.ª Menção honrosa

NÃO se trata, como talvez supõem os meus leitores, de uma criança a quem os papás chamam por esta abreviatura, doce como um caramelo de leite e cujo som é um sopro de meiguice. Não, meus meninos. É, simplesmente, um lindo gatinho muito inteligente, muito meigo. — Até parece um nome de gente, dirão... Mas não é. Ora escutem uma história verdadeira que lhes vou contar:

Mi-Lú, foi para casa do menino César, metido num pequeno cartuchinho de papel, (tão pequenino era!) apenas desmamado; e era pouco maior do que um rato vulgar... Ora o menino César estava doente de uma perna, e de cama, havia três anos. Conquanto fôsse muito paciente e aguardasse resignado que Deus lhe desse a cura tão desejada, a melancolia apoderou-se dele por vezes. E já lhe não bastavam os livros comprados por seu pai, ou oferecidos por amigos para o distrair, e até o gracioso aparelho de rádio, que seu pai lhe oferecera ultimamente, já o não entusiasmava como dantes. Por isso, seu pai, sabendo quanto ele estimava os animais, trouxera-lhe, de surpresa, aquele gatinho, no domingo de Páscoa.

A-pesar-de tão pequenino e ter saído havia pouco de junto da mãe, correu logo, vivo e saltitante, por sobre a cama de César que o acarinhou meigamente, estabelecendo-se, logo, entre os dois, uma grande corrente de simpatia. E o gatinho tornou-se, imediatamente, o seu brinquedo predilecto, a sua maior distração. Era como uma verdadeira criança, alegrando a casa, a todos fazendo rir com as suas palhaçadas, tal a agilidade do seu minúsculo corpinho e a luz brilhante dos seus

olhinhos, vivos e gaiatos, que pareciam rir. Era o *ai Jesus* da casa. E aí de quem quizesse castigar, ainda que levemente, o bichinho, por algum acto menos aceado!... Com o César teriam de se haver!... Mas surgiu uma grave preocupação: o gatinho precisava ter nome. Como se havia de chamar? Alguém alvitrou: — Como veio para cá na Páscoa, devia chamar-se Pascoal. Qual! um nome tão pesadão, tão prosaico para uma coisa tão pequenina e mimosa... Não: *migalha de luz*: — Mi-Lú. Sim, senhor! E isto mesmo que está bem. E assim foi. Mi-Lú para aqui, Mi-Lú para ali, aquela migalhinha de... gato, espalhava a alegria por toda a casa. A's refeições, lá estava ele correndo com o seu amigo, sobre a cama. Durante o dia



brincava com ele constantemente, e até, com a sua patinha de veludo, ia fazer-lhe cócegas no nariz, quando o via a ler, como se tivesse ciúmes da atenção dispensada a outra coisa que não fôsse ele. E era tão inteligente que obedecia ao mais simples gesto.

No verão, a família do menino César, como sempre fazia desde que este adoecera, fôra veranejar para o campo; e escusado será dizer que o Mi-Lú acompanhou os seus donos, bem aconchegado no seu cestinho, com as orelhas espetadas de susto, extranhando, aterrorizado, o facto de ele ir quieto sobre uma coisa que fugia veloz, dando grandes safanões ao seu corpo, quando era ele, Mi-Lú, que costumava dar safanões em tudo, mexer e saltar em liberdade sobre coisas que estavam sempre muito quietas, excepto, e claro, a cama de rodas do seu amiguinho doente:

Chegado a casa, ficou espantado por desconhecê-la. Já quasi não conhecia o seu dono que o chamava sem resultado. Farejava, farejava e encolhia-se, depois, desconfiado e esquivo a todos os afagos. Por fim, habituou-se, embora levasse tempo, mas fez-se um valdevinos.

Havia um grande quintal em volta da casa, onde ele subia às árvores em grandes exercícios acrobáticos, passando a maior



parte do dia fora de casa. Depois, relacionou-se, mesmo sem as apresentações da praxe, com uma gatinha da vizinhança, por sinal; chamava-se *Sevéra* como a protagonista do grande filme português tão vosso conhecido; e era vê-los correr, correr sem destino um atrás do outro. E o Mi-Lú, qual Marialva, passou a ficar até altas horas da noite fora de casa. Na companhia da sua *Sevéra*, tão inocente e brincalhona, como ele andava em correrias pelo quintal, trepando às árvores, perseguindo-se e bulhando, até, às vezes.

O seu amigo já andava triste por ver-se assim desprezado. Chamava-o, e ele, fazendo trejeitos, a um tempo dengosos e gaiatos, lá se lhe esgueirava das mãos como quem diz:

— Sou muito teu amigo, mas tem paciência; a minha *Sevéra* espera-me para brincar. E lá ia...

Mas toda a ingratidão tem castigo e

(Continua na página 6)

AVENTURAS DE UM PRETINHO



I — Nas margens do rio Niassa, o pretinho «Pau de chocolate» seguia, satisfeito, de volta dum viveiro, onde comprara uma gaiola com um lindo periquito.

II — Cansado de andar, poisou na margem do rio, a gaiolinha, e, com uma serra que levava, cortou um tronco de árvore, para fazer dele um bengalão.



III — Nisto, aparece um enorme crocodilo que, de bocarra aberta, engole o passarinho com gaiola e tudo.



IV — Com todo o seu sangue frio, «Pau de chocolate» jura tirar desforra e salvar o seu lindo periquito.

V — Avança para o crocodilo e atravessa-lhe, na boca enorme, o tronco da árvore.



VI — Então, serrando ao meio o crocodilo, consegue reaver o seu periquito e a gaiolinha intactos.

REFERENCIA AUXILIAR

Na cidade invicta, no local onde existiu o antigo convento de S. Francisco, ergue-se este grande edificio.

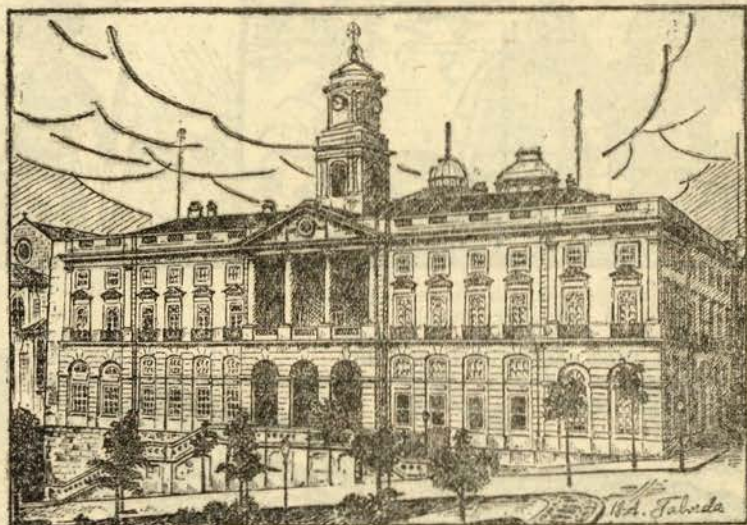
Foi traçado o seu risco pelo architecto Joaquim da Costa Lino, lente da Academia de Belas Artes do Porto, sendo as obras superiormente dirigidas por este, por José Lima Nogueira, Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa Reis, autor do projecto da sala árabe no andar nobre, e Tomaz Sales, autor do átrio central. As pinturas da cobertura desta dependência, são dos artistas Maumo e Pereira Júnior.

A fachada principal, obedecendo à ordem dórica, mede 56 metros de comprimento e 20 de altura e a superfície occupada pelo edificio, é de 5.167 metros quadrados.

Em todas as dependências se podem ver mármores e bustos de Soares dos Reis e painéis pintados por Marques de Oliveira.

Funcionam lá o Tribunal do Comércio, Associação Comercial e uma Escola Elementar de Comércio.

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



M I - L Ú - (Continuação da página 4)

este não se fez esperar: Foi em certa noite, às primeiras horas bem calma e estrelada, nada fazendo prever uma tempestade, que o nosso Mi-Lú, como de costume, depois de jantar com seu amiguinho, (às refeições era infalível junto dele) foi para a ramboia e por mais que o chamassem, fez ouvido de mercador. Pois, no dia seguinte, depois de uma noite tempestuosa, que ninguém previra, apareceu o Mi-Lú transformado num verdadeiro gato-pingado, (ainda a pingar) e com umas arranhaduras, que, se ele soubesse falar, confessaria terem sido produzidas pelas unhas de algum noctívago, seu semelhante, não muito atreito a delicadezas para companheiros de ramboia. Mal se abriu a porta, entrou como um foguete. Esteve

tudo o dia deitado; e à noite, quando todos esperavam vê-lo seguir o caminho habitual, qual não foi a admiração de todos vendo-o enfiar pelos cobertores da cama do seu amigo, com um rom-rom de satisfação. E com os seus olhos expressivos parecia dizer, enquanto lhe lambia as mãos:

«Perdôa-me, meu amigo, se fui ingrato trocando a tua amizade pela da Severa. Mas fui bem castigado. Ela não merece que troque a comodidade da nossa cama tão quentinha, por uma noite passada ao frio e à chuva e ainda sujeito aos ataques dos meliantes. E o caso é que nunca mais ficou fóra de casa, recolhendo, sempre por volta das dez horas, do seu passeio depois do jantar, para auxiliar a digestão.

CARTA HIEROGLÍFICA

Solução

A senhora Carolina escreveu à mãe:

— Minha mãe; como tenho cá em casa bexigas doidas, eu mando-lhe o seu neto, que é uma criança sossegada.

O pequeno foi para casa da avó mas, muito endiabrado, em três tempos virou tudo de baixo para cima.

Então, a avó escreveu à filha:

— Ai te mando a criança sossegada. Manda-me antes para cá as bexigas doidas.

OS BICHOS DA QUINTA - (Continuação da página 3)

raivoso, em volta dela, até que a cozinheira, desesperada, o zurgia com uma vergasta.

O Piloto aproveitava a intervenção dela para de lá sair como um foguete e fugia para o quintal, trepando, veloz, para cima do telhado da adega, enquanto o Farrusco, em baixo, dava pulos em volta e ladrava, desesperado, constatando a sua impotência para chegar ao Piloto, encrespado lá em cima. Às vezes, porém, quando a bulha era em volta do prato das sopas, o Piloto lançava as unhas às orelhas do Farrusco e deixava-lhas num misero estado.

Era, então, que meu tio, com todo o cuidado, lhe, pensava as feridas e lhe punha uma grande ligadura, com enorme escândalo da cozinheira, que sem-



pre dava razão ao Piloto: — «Coitadinho, o grande lambão não lhe deixa comer nada!»

— «Também você, (tornava meu tio), não cuida do comer dos caezinhos!»

— E a «Moçoila», furiosa, ficava a resmungar por muito tempo, e não perdia a balda de guardar os melhores bocados para o gato, com prejuizo do Farrusco e do Ardil.

F

I

M

UM JORNAL a COPIÓGRAFO

A fim de satisfazermos constantes pedidos, vamos repetir as instruções para a execução de um copiógrafo, transcrevendo, dum número antigo do nosso suplemento, a carta que, a propósito, então redigiu o nosso presado colaborador Tio-Tônio:

PEDISTE-ME, há tempos, que te ensinasse como deverias fazer um jornal de que serias Director, para ser colaborado pelos teus irmãozinhos, primos, etc., para a enorme tiragem de 10 exemplares, que destinavas a todos os teus conhecidos.

Aqui vai uma idéa, das melhores que encontrei para esse caso, admitindo até a possibilidade de que venhas a aumentar a tiragem para 50 ou mais exemplares.

Para a montagem da CASA DAS MAQUINAS, precisas do seguinte:

— 1 Taboleiro de folha, ou «cuvette» de louça (uma tampa de uma lata de bolachas ou qualquer outra coisa que arranjes);

— 50 gramas de gelatina, ou grude de carpinteiro (esta

última como é mais barata, talvez sirva melhor) 1 parte;
— 200 gramas de glicerina que se vende em qualquer drogaria. 4 partes;

— 100 gramas de água. 2 partes;

— Algumas gotas de um desinfectante qualquer.

Observação. — Estas quantidades referem-se a um taboleiro de 20cm x 15cm.

* * *

Quebras a gelatina ou grude em pedaços, o mais pequenos possíveis e juntas-lhes a glicerina e água (na qual previamente já misturaste o desinfectante), num tacho ou qualquer coisa que possa ir ao lume.

Deixas repousar durante uma hora ou duas, para que a gelatina ou grude se embeba bem.

Entretanto, limpas muito bem o taboleiro ou taboleiros que arranjes e vedas-lhes todos os buracos cuidadosamente.

Levas ao lume e mexes com um pauzito para que se misture bem, até ficar bem fundido, mas cautela, não deixes ferver, senão tens tudo estragado por causa das bolhas de ar!

O taboleiro, de que já te falei, deve estar sobre uma mesa bem plana ao abrigo de qualquer encontrão.

Deitas-lhe a massa derretida dentro, de forma a que fique bem espalhada em toda a superfície.

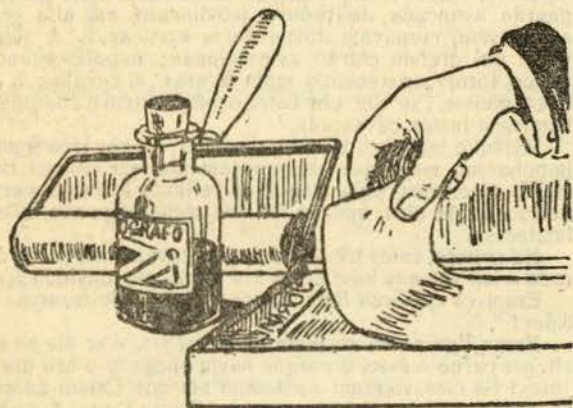
Deixas repousar durante uma ou duas horas, mas não lhe toques, porque qualquer ruga na massa estraga tudo e tem que voltar a ser fundida.

E' preciso, então, comprar uma tinta que se vende em todas as boas papelarias — TINTA DE COPIÓGRAFO — da qual a melhor cor é a roxa.

Compras papel de qualquer qualidade, que te dê, em folhas dobradas ao meio, o tamanho do teu jornal.

Arranjas papel pautado ou quadriculado, não passento, paciência para as tuas experiências, o pessoal da redacção e desenhadores...

Teu amigo
TIO-TÔNIO



O MONTANHÊS (continuação da pág. 2)

com que possa saldar a minha dívida de gratidão?! Tu foste o salvador do meu povo e do meu reino!»

Pedro dispunha-se a recusar qualquer recompensa, quando Bela-Flôr, linda como os anjos, segredou ao pai, numa voz maviosa, suplicante:

— «Oferece-lhe a minha mão, e a tua dívida ficará paga.»

A princesa compreendia o amor do enamorado Pedro que, ajoelhando a seus pés, louco de alegria, exclamou:

— «Não é o trono o que eu desejo e me fará feliz, mas sim tu, Bela-Flôr, que eu amo profundamente.»

As festas do noivado foram importantes, até que o rei, já cansado de governar, entregou o reino a Pedro, que fez dele, graças à sua inteligência, o mais poderoso e temível país de toda a Ásia.

Os pastores despediram-se do seu chefe entre aclamações de simpatia e voltaram à montanha.

Pedro e Bela-Flôr foram felicíssimos, e não menos o rei, enquanto pôde embalar um robusto netinho, que viria a ser, no futuro, outro valente como seu pai: — o Montanhês.

CONCURSOS MENSAIS

DECISÃO DO JÚRI

Havendo reunido o Júri, mais uma vez, para apreciação das provas relativas aos *Concursos mensais*, referentes ao mês de Novembro, e ao **CONCURSO DE CONTOS INFANTIS**, dada a sua natural exigência pelas razões expostas nos anteriores concursos, o que só dignifica e valorisa os trabalhos premiados ou classificados, entendeu de justiça conceder três primeiras menções honrosas, pela seguinte ordem, aos trabalhos abaixo indicados:

«Ninguém faça mal...» por Isoldina Marques

«Mi-lu» por Eugénio Madeira

«Os bichos da Quinta» por Marla Isabel Corrêa

Além destas produções, mereceram também especial louvor, sem ordem cronológica, os seguintes trabalhos: — «A conferência de D. Beltrão Sabichão» e «A gulodice dá mau resultado» de Idalina Carvalho Rodrigues, «Caridade», «Amor do Próximo» e «Amor conjugal» de Maria Isabel Corrêa, bem como o conto: — «As feras comunistas», de António Leite.

Ninguém faça mal...

(Conclusão da página 1)

fugida, cicia-lhe ao ouvido: — «Não estejas triste que o patrão logo deixa-nos ir esperar os Reis. Sabes?... os Reis do Presépio...»

A' noite o sr. Ernesto, todo risonho, — em companhia de alguns amigos seus, (e da pinga), — manda preparar o pessoal. Munindo-se de um velho cornetim, distribuindo pelos outros chocalhos, campainhas, businas, etc., carregou o pobre Zé com um pesado escadote e a rapariga com um grande cesto cheio de pedras, bem atado por cordel em volta, e que ele dizia ser o farnel para comerem ao ar livre enquanto esperavam pelos Reis. A Maria, muito espantada com o peso, perguntou se o ar livre era muito longe daquela rua. Gargalhada geral, e lá marcharam para Santa Clara, para a entrada de Lisboa, atroando o ar com a berraria e os instrumentos.

Durou imenso o doloroso calvário dos pobres pequenos.

Alguns dos grupos simulavam ter ouvido dizer que iam enganados, pois eles não vinham desse lado mas sim do lado da Estação Velha; e lá faziam marchar os desgraçados, mais mortos que vivos, sem se atreverem a protestar, receando a ira do patrão. Por fim, já cansados todos, no meio das chufas e gargalhadas, mandaram os pobres pequenos para casa, os quais, ao compreenderem a troça de que foram alvo, desataram a chorar e lá foram, largando cesto e tudo.

Os restantes do bando, como estavam longe da tasca do «sôr» Ernesto e tinham as goelas secas, distribuíram-se pelas baías próximas. E o sr. Ernesto?... Ficaria sem castigo pela sua maldade? Não; que lá diz o ditado: — «Ninguém faça mal que o não venha a pagar.» Como era já velhote e muito paçudo, sentou-se na beira dum talude, limpando o suor que lhe escorria da testa, a pesar-de fazer um frio de rachar, tencionando juntar-se logo aos companheiros.

Porém, o homem põe e Deus dispõe; e quando o sr. Ernesto ia pôr a sua rotunda pessoa em movimento, dois passos andados, tropeça num arco qualquer que o faz ir ao chão, de nariz, enfiando nele uma perna, e torcendo-a com a violência da queda. Chamou, gritou, mas os companheiros, entretidos, e devido ao barulho que reinava na



taberna, não o ouviram, e ele para ali ficou sem poder levantar-se.

Nisto, ouve-se uma enorme algazarra e os garotos, guarda avançada de todo o movimento, em alta grita, avançavam, recuavam, tornavam a avançar... A seguir vê-se um grande clarão avermelhado; depois, pouco a pouco, foram aparecendo mais figuras, e cavalos, à luz dos archotes. Por fim, por entre espesso fumo distinguia-se bem uma luzida cavalcada.

Então, o homenzinho julgou sonhar, ao ver três figuras imponentes, montadas, magestosamente, em corcéis ricamente ajazezados, pelo menos os reflexos brilhantes eram como que de ouro, onde a luz dos archotes punha faíscas luminosas.

Na cabeça, essas três figuras ostentavam uma corôa doirada e ao ver que uma delas era preta, não duvidou mais.

Eram os célebres Reis Magos: Gaspar, Baltazar e Belchior!

Essas figuras só se viam no presépio, e se ele as via, ali, em carne e osso, é porque havia chegado o seu dia de Juízo! Se eles viveram no tempo em que Cristo nasceu, há muitos séculos tinham morrido! Santo Deus! E do seu pobre destunto, obtuso, brotou esta conclusão: — «Morri! Já estou no outro mundo!... E desmaiou.

Dali a horas, foi encontrado com a perna metida (e quebrada) no arco do cesto por ele próprio preparado e que, para martírio das pobres crianças, se transformara em instrumento da sua punição.

E a sua visão? Era na realidade um lusido cortejo, organizado por um prestimoso cidadão, deveras empreendedor, para distrair o povinho que, nesse dia, saíra para a rua para ver os Reis, de verdade.

E o sr. Ernesto jurou nunca mais fazer maldades aos seus empregados, pelos quais, dali em diante, foi estimado, não sendo preciso tornar a mandar vir dois cada ano.



F I M